

TRADIÇÃO DE PENÉLOPE: RELEITURAS DO MITO NA POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Maria de Fátima Silva¹

Resumo

Qualquer reflexão sobre reescritas contemporâneas do mito de Penélope deverá estabelecer previamente os tópicos convencionais na tradição greco-latina, de que todas elas são devedoras. Fragilidade e sofrimento, violência e assédio, perspicácia e talento, reconhecimento e reencontro são motivos estruturantes dessa narrativa. Embora sabendo a difusão que, desde tempos remotos, se oculta por trás de referências fragmentárias, damos por certo que as raízes determinantes para todo esse lastro que perdurou, ininterrupto, ao longo dos séculos, são a *Odisseia* e Ovídio, *Heroides*. A literatura portuguesa também não se isentou do fascínio pelo episódio de Ítaca e pelo simbolismo que continha. A termos em conta apenas a poesia contemporânea, são múltiplos os autores que, de modo explícito, regressaram ao assunto. Desse património iremos considerar dois poetas, Miguel Torga e Manuel Alegre, de certo modo articulados no tratamento, temático e estético, que dedicam a Ulisses e Penélope.

Palavras-chave

Odisseia; Ovídio; recepção; Torga; Alegre.

¹ Professora Catedrática – Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: fanp@ci.uc.pt.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

Abstract

Any reflection on contemporary rewritings of the myth of Penelope should first establish the conventional threads in the Greco-Latin tradition, to which they are all indebted. Fragility and suffering, violence and harassment, insight and talent, recognition and reunion are structuring motifs of this narrative. Although we know the diffusion that, since remote times, is hidden behind fragmentary references, we take for granted that the determining roots that have lasted throughout the centuries are the *Odyssey* and Ovid, *Heroides*. Portuguese literature has also submitted to the fascination of the episode and the symbolism it contained. If we take into account only contemporary poetry, there are multiple authors who, in an explicit way, returned to the subject. From this patrimony, we will consider two poets, Miguel Torga and Manuel Alegre, in a way articulated in their thematic and aesthetic treatment of Ulysses and Penelope.

Keywords

Odyssey; Ovid; reception; Torga; Alegre.

Penélope: fios relevantes no tecer de um mito

Dependemos em boa parte da *Odisseia* para estabelecer um perfil para a figura de Penélope. Como presença transversal no poema, a soberana de Ítaca reveste diversas componentes: de rainha regente, na ausência do senhor do reino, de mulher vítima de assédio de inúmeros pretendentes, e de mãe e esposa, desafiada por uma longa solidão, que lhe deixou como encargo aguardar o regresso do marido ausente na guerra e criar, sozinha, o filho a quem o pai faltou quando era ainda uma criança. A personagem integra, portanto, traços políticos, a par de outros domésticos, pessoais e afetivos.

Considerada a estrutura do poema, Penélope não é uma figura estática; ao longo da narrativa, sofre uma evolução, em que o que parece rendição ao sofrimento dá lugar a uma intervenção mais enérgica e artificiosa, que pode tornar-se competitiva com a do herói. Tal como Ulisses luta por voltar a casa e reassumir o seu papel, a rainha obstina-se em preservar o poder e o património na espera do seu legítimo detentor. De modo que o seu contributo para a volta da normalidade a Ítaca não é menor do que a *polymechanía* de Ulisses; é também resultado da persistência e finura daquela que, no palácio, vive a própria aventura.

A evolução proposta pela *Odisseia* inclui, em primeiro lugar, a fragilidade e o sofrimento. Em consequência da solidão, Penélope vê-se confrontada com a saudade do marido ausente (1.325-44), com o temor pela segurança do filho, ainda muito jovem, que partiu em busca do pai (4.675-8, 4.697-702, 4.707-10), e com a necessidade de enfrentar o assédio dos pretendentes. As lágrimas tornam-se então a sua insígnia (1.363, 4.800-1, 11.181-3, 13.336-8). A beleza, uma qualidade convencional do retrato feminino, no contexto de ausência e solidão constitui uma agravante para a violência que rodeia Penélope;² mas chegada a hora do reencontro, depois de tantas aventuras - também romanescas - que pontuam a viagem de Ulisses, há uma atração entre o casal que persiste e reconstrói a cumplicidade dos senhores de Ítaca (23.231-2, 23.254-5, 23.257-8).

Além de abandono e solidão, Penélope exprime um outro paradigma, o da vítima de assédio de pretendentes que, sem trégua, investem contra a sua reserva e resistência (2.50). Os deuses, porém, não a abandonaram; impressionados com a sua dor sincera e com a piedade de que sempre deu

² Turkeltaub, 2014: 114 encara a beleza de Penélope numa dupla perspectiva: a que a caracteriza como um tipo de sedução e a torna um fator de ruína para os que a cercam; ou, pelo contrário, o traço identificador da matrona, senhora da casa, temperada pelo sofrimento.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

provas, transmitem-lhe em sonhos consolo e energia, garantindo que, no palácio de Ítaca, uma metamorfose se processa: a de uma rainha acoitada por muitas ambições em sua volta e de uma esposa e mãe sofredora, numa heroína ativa e lutadora.

Com a recuperação da energia, revela-se também a perspicácia e talento de Penélope para forjar estratégias que são, em Homero, a sua principal arma de defesa contra os pretendentes. Do estratagemas da teia,³ o fazer e o desfazer contínuo de uma tarefa, que tem o dom de suspender o tempo e de lhe perpetuar a resistência, projetou-se o "engano", *dólos* (2.88-106).

Os últimos cantos da *Odisseia* – que relatam o regresso de Ulisses, o reencontro com a esposa e a reposição da autoridade do soberano –, revitalizam também o retrato de Penélope. O seu desenho é agora mais nítido e mais enigmático. É este o momento de a esposa agir e de exibir as qualidades de sensatez e inteligência de que é dotada, num jogo que se torna de desafio e cumplicidade com o recém-chegado.

É na confiança da noite, depois que os pretendentes se haviam retirado, que o poeta proporciona um primeiro encontro entre o par real. No mendigo à sua frente, a rainha vê um informador que lhe possa dar notícias de Ulisses, embora a aparência lhe sugira uma semelhança com o marido.⁴ Intuitivamente Penélope sente, no estranho visitante, um confidente a quem confessa os artifícios usados para iludir os pretendentes, por inspiração divina (19.136-47). A teia que faz e desfaz – reconhece-o agora abertamente – não passa de um pretexto, mas o estratagemas esgotou-se e a obrigação de novas bodas surgiu como inevitável (19.157-9). As lágrimas ponderam neste episódio, em que Penélope expande a sua dor pela ausência de um marido que tem diante e não é capaz de reconhecer. Ulisses, comovido, mas entendendo que não era ainda chegada a hora de se revelar, "como se fossem de chifre ou de ferro, nas suas pálpebras" mantinha imóveis os olhos e continha as lágrimas. Esta cena é um esboço de reconhecimento, onde, sob a intenção de interrogar alguém que lhe traga notícias do marido, Penélope sente uma atração inexplicável por

³ Ainda que narrado por várias vezes na *Odisseia* – cf. 2.94-110 (por Antínoo), 19.137-56 (por Penélope diante de um Ulisses ainda desconhecido), 24.128-46 (por um dos pretendentes, no Hades, perante Agamémnon) – como um facto já passado, o destaque dado a este recurso por Penélope não tem, em Homero, a visibilidade que a recepção posterior lhe veio a dar.

⁴ Para alguns estudiosos (cf. Emlyn-Jones, 1984: 2) este é o momento de um reconhecimento 'subconsciente', que Penélope hesita em confessar, mas que se consuma no seu íntimo.

aquele que afinal é Ulisses. Mas a resistência do seu interlocutor impede a revelação que parecia tão próxima.⁵

A vingança e chacina dos pretendentes é função masculina, a cargo de Ulisses e Telêmaco. A Penélope, retirada nos aposentos, os deuses concedem um sono que a ausente dos acontecimentos em curso. Quando desperta, a desforra está consumada contra pretendentes e servas infiéis. Resta o desenlace final, a consumação da *anagnorisis*, que o poeta elabora com requintes de retardamento.⁶ É difícil o reencontro com Ulisses: como agir, interrogá-lo ou simplesmente dar-lhe um beijo de boas-vindas? (23.85-7). Um silêncio prolongado permite a Penélope ir reconhecendo no seu interlocutor cada traço (23.90-5), a uma distância que as censuras de Telêmaco - no papel de mediador entre os pais - e de Ulisses - por uma dureza aparente da parte da esposa - não conseguem quebrar (23.96-107, 23.166-72).⁷ As últimas dúvidas necessitam de sinais inequívocos, aqueles que constituem a cumplicidade de um casal (23.107-10). Só o leito conjugal, portador de um segredo conhecido apenas dos dois - o talhe direto de uma oliveira que o torna inamovível - traz a prova final; então Penélope rende-se, para que uma alegria exuberante se substitua a longos anos de tristeza.

O retrato homérico de Penélope, ao mesmo tempo sugestivo e enigmático, tornou-se um padrão flexível para aqueles criadores que, ao longo do tempo, entenderam retomá-lo, manipulá-lo, reinterpretá-lo, refazê-lo. Inúmeros são os testemunhos da popularidade do mito de Penélope em toda a antiguidade greco-latina. No entanto, pela sua repercussão na modernidade - e, ao que julgo, também nas versões portuguesas -, poderá ser interessante referirmos o tratamento que a rainha de Ítaca mereceu a Ovídio, *Heroides* 1. Sem trair Homero, Ovídio, numa carta escrita por Penélope a Ulisses, aprofunda psicologicamente os sentimentos de uma mulher abandonada e insatisfeita, movida por uma gama de emoções explícita e inovadora. Esta é uma esposa para quem a demora no regresso

⁵ Ulisses aposta na segurança para que nada falhe na vingança, mas há que reconhecer que alguma dúvida subsiste no seu espírito quanto à lealdade de Penélope. Cf. Carlier, 2002: 290.

⁶ Emlyn-Jones, 1984: 1 sublinha o retardamento deste encontro, o que faz do reconhecimento de Ulisses e Penélope um episódio central na versão homérica. Segundo este estudioso, o processo que conduz à *anagnorisis* estende-se desde 17.508, em que Penélope pede a Eumeu que traga o desconhecido ao palácio para o interrogar sobre o paradeiro de Ulisses, até 23.205 em que a rainha saúda, com lágrimas, a presença do marido em casa.

⁷ Roisman, 1987: 62 vê nesta reserva de Penélope algum ressentimento pelo sigilo a que, na vingança, marido e filho a condenaram. Afinal esse silêncio deixou-a numa posição semelhante à dos traidores - pretendentes e servas infiéis - a quem Ulisses destinou o mesmo tratamento.

do marido se deve não tanto ao destino, mas a um retardamento voluntário. Recordando os trâmites da guerra (1.33-56), não são de louvor para o herói - que acusa de "lento" no regresso (1.1) - nem para o brilho da vitória as palavras desta mulher; o ciúme soma-se aos seus tormentos como um sentimento novo: se muitos dos guerreiros se encontram já em casa e o mundo vai voltando à normalidade, por que tarda o seu marido, quem sabe envolvido em novos e aliciantes amores (1.75-8)? À fidelidade, a Penélope ovidiana sobrepõe um amor confesso por Ulisses (1.83-4) e é em nome desse amor que reivindica a urgência de regresso. Mas importante para o apelo de Penélope é também aquela passada beleza de uma jovem que os anos converteram numa velha (1.115-6);⁸ entre todas as suas penalizações, o tempo impedirá o retomar de uma paixão que as rugas deterioraram. Numa palavra, na Penélope como a cria Ovídio, a fidelidade impõe-se não por si mesma, mas em nome de um amor profundo e monogâmico.⁹

As principais oscilações na receção deste mito residem nos sentimentos experimentados por Penélope, ora temerosa e desesperada perante as pressões que a cercam, ora firme e crente num futuro de felicidade que as promessas de Ulisses e a proteção divina lhe garantem. Dela se espera perseverança e fidelidade, ofuscando outros sentimentos ou reações a que os criadores foram prestando cada vez maior atenção. No reencontro, as emoções são com frequência medidas do lado de Penélope. Muitas das lacunas emocionais que a *Odisseia* deixou em aberto – a insatisfação conjugal e pessoal de Penélope, a frustração perante uma vida em suspenso, a compensação suscetível de ser encontrada num novo casamento, o estado de espírito que uma tão longa ausência de Ulisses foi criando – condicionaram, sobretudo nas versões do séc. XX, o episódio do reencontro. Dentro deste contexto, Penélope estará sempre dependente daquele fator que condiciona a sua vontade própria, o regresso de Ulisses. Será, portanto, uma personagem “em aberto”, na medida em que as suas emoções e atitudes dependem de um marido ausente que é a justificação da sua vida.

⁸ A *Odisseia* assinala também esta consciência da passagem do tempo e dos danos que causa na beleza, sem que isso constitua um problema. Ulisses, diante da formosura imortal de Calipso, reconhece que Penélope é mortal e sujeita à deterioração dos anos (5.218); do mesmo modo que Penélope, antes do reconhecimento, imagina quanto envelhecido Ulisses poderá estar (19.358-60).

⁹ Com muito de físico, como a insistência em vocabulário de âmbito sexual deixa claro; cf. Jacobson, 1974: 268-73.

Penélope na poesia portuguesa contemporânea

... justamente pelo que ela tem de incompleto, de frágil, de grosseiro e de mortal,
eu a amo, e apeteço a sua companhia congénere!

Eça de Queiroz, *Perfeição* 236

Talvez estas palavras de Ulisses a caracterizar Penélope, como Eça a retratou no seu conto “Perfeição”,¹⁰ sejam uma síntese das preferências dos autores portugueses na manipulação da senhora de Ítaca. O que Ulisses reclama é o direito a ser mortal, com todas as inerentes imperfeições, ao lado de uma Penélope que com ele partilhe essa mesma qualidade (*Perfeição* 237): “Por isso sofrerei, num espírito paciente, todos os males com que os deuses me assaltem no sombrio mar, para voltar a uma humana Penélope que eu mande, e console, e repreenda, e acuse, e contrarie, e ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame de um amor que constantemente se alimenta destes modos ondeantes, como o lume se nutre dos ventos contrários!”. A cumplicidade e humanidade do casal régio de Ítaca é uma perspetiva que, entre os tópicos essenciais no mito, se tornou dominante nas leituras portuguesas de Penélope.

É sobretudo na poesia que, no séc. XX português, o mito de Penélope marca presença entre nós. A ausência, o vazio da guerra, os percalços da viagem, a espera traduzida no fazer e desfazer da teia, a fuga do tempo, a efemeridade dos sentimentos, continuam a ser os tópicos mais vulgarizados, ora focados em Ulisses, ora em Penélope. “Penélope” deu título a poemas de autores de nome sonante nas letras portuguesas: Miguel Torga (1907-1995),¹¹ Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004),¹² David Mourão Ferreira (1927-1996),¹³ Fernando Guimarães (1928-),¹⁴ Helder Macedo (1935-),¹⁵ José Augusto Seabra (1937-2004),¹⁶ Nuno Júdice (1949-).¹⁷ Ou então, algum dos seus habituais atributos, por expressivo, é

¹⁰ Vide Silva, 2019: 73-90.

¹¹ *Diário X* 1968: 54.

¹² Coral 1950, citado a partir da edição de Sousa 2015: 288.

¹³ *Obra poética I*. 1980: 134.

¹⁴ “Algumas palavras de Penélope, outras de Ulisses”, *Casa: o seu desenho* (1982-1985), *Poesias completas 1* (1993) 200-3. Oculto sob o título *A analogia das folhas* (1990: 51) regressa ainda o mito de Penélope como a que sabe iludir.

¹⁵ *Poemas novos e velhos* 2011: 55.

¹⁶ *Gramática Grega* 1985: 31.

¹⁷ Poema publicado em *O movimento do mundo* 1996: 663; a citação é feita a partir de *Poesia reunida 1967-2000* (2000). Lisboa, Dom Quixote: 663. Do mesmo Nuno Júdice, e sobre o *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

adotado como título em vez do nome, caso de “Tecelagem”,¹⁸ “*Sunt lacrimae rerum*”,¹⁹ de Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007) e “Ítaca”,²⁰ de Daniel Faria (1971-1999).

Deste património poético inspirado nos soberanos de Ítaca, propomo-nos fazer a análise de alguns exemplos, que têm por fio condutor um diálogo entre Ulisses e Penélope. Depois de um poema de Torga, que parece conter elementos de referência para outros tratamentos portugueses do mito, passaremos a Manuel Alegre que, em diversos poemas, redesenha o mesmo frente a frente entre o par. Na sua diversidade e inovação, estes poemas são fiéis às traves mestras dos modelos clássicos, porque assentam nas temáticas que Homero e Ovídio igualmente privilegiaram: fragilidade e sofrimento, violência e assédio, perspicácia e talento, reconhecimento e reencontro.

Miguel Torga²¹

(Poema escrito em Coimbra, em 1 de Junho de 1965)

Penélope

Ulisses desterrado
No mar da vida,
Digo o teu nome e encho a solidão.
Mas pergunto depois ao coração
Por quanto tempo poderás ainda
Tecer e destecer a tela da saudade...
Vê se não desesperas
E me esperas
Até que eu volte, e à sombra da velhice
Te conte, envergonhado,

confronto entre Ulisses e os pretendentes, é “Ladainha de Ulisses”, *A matéria do poema* 2008: 46.

¹⁸ *Obra breve* 1991: 190.

¹⁹ *Obra breve* 1991: 504.

²⁰ *Poesia* 2012: 319.

²¹ Miguel Torga (1936-), médico de profissão, é um bem conhecido poeta, dramaturgo, romancista e contista português, que sempre se declarou independente de qualquer movimento literário. Foi membro da *Presença*, uma revista dirigida a todos os que quisessem romper com o peso da convenção, que veio a abandonar por ter entendido que a *Presença* não estava a cumprir inteiramente os seus propósitos. Nos *Diários*, que foi escrevendo ao longo da vida, relata “a descoberta e subsequente realização pessoal” (Álvarez, 2005: 462). Títulos de coleções poéticas como *Odes*, *Nihil sibi*, *Cântico do Homem*, *Orfeu Rebelde*, dão testemunho da marca clássica muito abundante nas suas criações. Vide Rocha Pereira, 2019a, 2019b.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

As indignas façanhas
Que cometi
Na pele do semideus que nunca fui
Sê tu divina, de verdade, aí,
Nessa ilha de esperança,
Fiel ao nosso amor
De humanas criaturas.
Faz que seja bonito
O mito
das minhas aventuras.

Diário X 2007: 1065.

O poema de Torga aposta em elementos transversais na lírica portuguesa dedicada a este mito e poderá ter deixado ressonâncias em outros criadores. É construído sobre um monólogo de Ulisses, num contexto de ausência. “Desterrado”, o epíteto que o qualifica na abertura do poema, imprime “ao homem dos mil artifícios, que tanto vagueou” (*Odisseia* 1.1.) um outro perfil.²² Não há nele a resistência e combatividade da tradição, a prometerem sucesso ao herói de Ítaca. Parece haver, pelo contrário, algum esgotamento e decepção causados pela distância e pelo tempo; a fragilidade que costuma assistir aos que o esperam é, neste caso, transferida para o próprio navegante; porque, tal como o seu modelo, Ulisses navega, atormentado, “no mar da vida”, assumindo este verso o simbolismo tradicional da viagem de Ulisses: a procura tormentosa de si mesmo e do seu caminho. A solidão é agora o contexto envolvente e o único inimigo, em substituição de todos aqueles, amigos e inimigos, que povoaram a rota do herói homérico. Entregue a si próprio, Ulisses refugia-se num nome, em que estão contidas memória e esperança: todos os traços de uma mulher amada e a expectativa de reencontro. “Penélope”, um simples nome, contém todo esse potencial.

A resistência e superação da dor de ausência é então transferida para Penélope. A violência e assédio de que é vítima são apenas perceptíveis na menção da teia, como sempre a sua arma. A ameaça dos pretendentes não existe; o maior inimigo de Penélope é o tempo e a habitual “espera” a que está sujeita.²³

²² Ulisses recebe, na *Odisseia*, vários epítetos que acentuam os perigos a que foi exposto e a versatilidade vencedora da sua atuação: *polyphron* “de muito talento”, *polymechanos* “de muitas estratégias”, *polymetis* “de grande prudência” e *polytlas* “que muito sofreu”.

²³ Na *Odisseia*, os epítetos aplicados a Penélope valorizam-lhe a sensatez e prudência (*periphron* “ponderada”, e. g., 1.329, 4.787, 4.808, 4.830, 5.216, 11.446, 14.373, 15.41, 16.409, 16.435; *echephron* “ajuizada”, 4. 111, 13. 406, 16.130, 16.458, 17.390, 24.198, 24.294; *aidoie* “recatada”, 19.336; *pinyte* “assizada”, 21.103). Méritos a que se sobrepõe, como arma de sobrevivência, o talento para dominar estratégias; vide Mueller, 2007: 337-62.

***Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.**

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

Por isso, é dela que sobretudo dependerá o reencontro. O quadro que Ulisses antevê está despojado da juventude e viço que Atena garantia aos senhores de Ítaca, na *Odisseia*. Se a viagem não assegurou glória, garantiu maturidade e conhecimento a Ulisses, mas também à mulher que o espera. O que se impõe, desta vez, no episódio, é a mais crua humanidade. Mas se os deuses estão ausentes do poema de Torga, a sua existência épica marca, mesmo assim, presença. Ulisses despoja-se das galas de “semi-deus (que nunca fui)”, para ceder a Penélope esse estatuto, ela sim “divina, de verdade”, “pela fidelidade que deposita no *nosso amor*, por ser uma *humana criatura*, mas comportar-se de forma superior” (Aguilar, 2010: 73). O guerreiro que regressa é um velho, gasto pelos anos e despojado das galas de herói. A celebração da glória não passa de invenção de poetas, que a realidade não consente. Por isso, o relato que Ulisses fará do seu trajeto – tal como o seu modelo perante os Feaces, num misto de dor e orgulho – é agora a afirmação envergonhada de quem não tem para contar mais do que “indignas façanhas”. Com esta confissão, o eu poético transforma em *Penelopeia* o que antes fora *Odisseia*.²⁴ A *arete* (“excelência”) salvadora será a de Penélope, assente em esperança e fidelidade. Tal como o poeta épico embelezava os méritos do herói, no lírico português será a mulher amada a receber as coroas, por garantir sucesso ao “mito das minhas aventuras”.

É inegável o quanto o poema de Torga deve a Homero, nos seus motivos, simbologia, e mesmo em alguns ecos formais. Como também é de certa forma perceptível, na opção de Torga, uma espécie de subversão de Ovídio. Nas *Heroides*, é Penélope quem desespera, escrevendo a Ulisses (I - “De Penélope a Ulisses”), pedindo-lhe que se apresse a regressar. Faz-lhe então o relato das suas noites passadas a tecer uma teia sempre inacabada, da sua incapacidade de deitar-se num leito vazio (1.7, 9-10). Esta é a esposa que sofre e se angustia pela fragilidade da família e do reino (97-8). A terminar a missiva, à semelhança da Penélope de Homero e do Ulisses de Torga, reflete sobre o envelhecimento, lamentando que a vida lhes não tenha permitido aproveitar lado a lado a juventude (1.115-116; cf. *Odisseia* 23.210-2). Homero e Ovídio parecem, assim, conciliar-se, em Torga, em cumplicidade harmoniosa.²⁵

²⁴ Cf. Gilchrist, 1997: 104-5.

²⁵ Sobre a utilização da teia de Penélope, por Torga, como metáfora da criação poética (*Diário VI* 3, 1978: 148, *VIII*, 31976: 164, e da pintura em *Diário XI*, 1973: 94), vide Ramos, 2013. Segundo Aguilar, 2010: 73, também o poema “Penélope” pode ser lido de acordo com a mesma metáfora. Sobre a influência ovidiana em “Penélope”, vide Aguilar, 2010: 71. Para a interpretação do poema, vide ainda Ferreira, 1996: 437-62.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

Manuel Alegre²⁶

Como Ulisses te busco e desespero

Como Ulisses te busco e desespero
como Ulisses confio e desconfio
e como para o mar se vai um rio
para ti vou. Só não me canta Homero.

Mas como Ulisses passo mil perigos
escuto a sereia e a custo me sustenho
e embora tenha tudo nada tenho
que em te não tendo tudo são castigos.

Só não me canta Homero. Mas como U-
lisses vou com meu canto como um barco
ouvindo o teu chamar - Pátria Sereia
Penélope que não te rendes - tu

que esperas a tecer um tempo ideia
que de novo o teu povo empunhe o arco
como Ulisses por ti nesta Odisseia.

O Canto e As Armas 2017: 83

Neste poema, como nos que se seguem de M. Alegre, a construção assenta sobre um monólogo de Ulisses. O desespero, um sentimento associado ao exílio e à busca, quando a esperança parece baquear, repercute também de certa forma o tom adotado por Torga. Mas o alcance da composição, que no poeta do *Diário X* era universal, centra-se, em Alegre, numa ausência pessoalmente experimentada, por afastamento político; algo de biográfico se associa ao motivo de Ulisses e Penélope, que tão bem serve ao trajeto de vida deste autor.²⁷ Penélope, mais do que a esposa amada ou a rainha

²⁶ Manuel Alegre (1936-), uma personalidade bem conhecida dos meios intelectuais e políticos portugueses, jurista formado na Universidade de Coimbra, tem dividido a sua atividade entre uma participação política destacada e a criação poética. O seu trajeto de vida como exilado político (1964-1974) e ativista democrático influenciou de forma direta o seu pensamento e produção poéticos. É esta conexão, expressa desde os seus primeiros títulos *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), que justifica a sua apreensão pela polícia política ao serviço da ditadura. Este foi apenas o início de uma cidadania honrosa, e de uma carreira literária de sucesso e prémios.

²⁷ O comentário de Santos, 2020: 80 é esclarecedor sobre esta simbologia: “Em literatura, o exílio é um tema recorrente pela diversidade e riqueza de significados que a palavra assume, sobretudo em âmbito poético. A obra de Manuel Alegre não é exceção; todavia, nesta, como nas grandes poéticas, o exílio molda-se a uma forma e a uma semântica próprias e singulares que percorrem e multiplicam as suas vastas expressões. Nesse sentido, o comparatista espanhol Claudio Guillén (Guillén 2005: 139-142) distingue três tipologias de exílio: o exílio enquanto condição original da humanidade, ligado à *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

regente, é a pátria por que o poeta aspira com angústia, ela que alimenta a esperança de sobrevivência. Ítaca oferece, portanto, à existência de Alegre o símbolo certo em todos os seus motivos.²⁸

Os refrões “como Ulisses” e “só não me canta Homero” marcam dois aspectos essenciais no poema: o modelo a que obedece, o da *Odisseia* e da vivência do seu protagonista; e a tonalidade que o Autor imprime à reescrita, silenciando o tom épico para que a humanidade – que é também identidade – prevaleça.²⁹

A voz que se afirma em primeira pessoa é a do eu poético/Ulisses, dirigida a uma só interlocutora, Penélope; a semelhança com Torga continua evidente. Também as antíteses, exprimindo impasse e dúvida, fragilidade e sofrimento, lhes são comuns: “Tecer e destecer”, “não desesperas/E me esperas”, em Torga; “confio e desconfio”, “e embora tenha tudo nada tenho”, em Alegre.

Ulisses é o centro desta abordagem. Um Ulisses mais consentâneo com “o que muito sofreu” e “muito vagueou” do que com “o dos mil artifícios”. Apesar de o desespero ser o sentimento que domina, perante os perigos que lhe povoam a errância e o punem de um crime não cometido, há uma luz de perseverança que se acende nas trevas da ausência: “e como para o mar se vai um rio/para ti vou”, “a custo me sustenho”.

Penélope, mais do que um nome, reveste a sedução de uma sereia, que atrai a si o navegante perdido. Dos encontros que a *Odisseia* multiplica, que constituem outras tantas barreiras entre o herói e o desejado regresso, o episódio das Sereias é o que mais repercute em Alegre. E não há nisso surpresa, se elas são as tradicionais detentoras do canto e manipuladoras

expulsão do Paraíso, o exílio histórico e real, por razões políticas ou económicas, e, por fim, o sentimento de exílio físico e espiritual em relação à própria vida”.

²⁸ Ele próprio o afirma (Silva, 2020: 95): “...acho que a *Odisseia* de Homero é a grande metáfora da nossa vida. A errância de Ulisses é a nossa procura, a insatisfação, o inconformismo”.

²⁹ Rocha Pereira, 2019b: 425 sublinha a faceta épica em M. Alegre: “Aedo têm chamado a Manuel Alegre alguns dos melhores críticos, certamente por verem nele o poeta que transmite a gesta do passado heróico e recente, preservando muito da tonalidade da epopeia”. E continua, a propósito da adaptação de poemas de Alegre à música e ao canto: “Que assim é, e que o principal modo de transmissão de algumas das suas composições mais famosas, dos tempos da *Praça da Canção* e de *O Canto e as Armas*, foi o canto, sabem-no todos os que se dedicam ao estudo da sua obra. De resto, ainda que possa não ser intencional, a insistência nas palavras da área semântica de “cantar” em muitos poemas, e até nos títulos dos livros acabados de mencionar, não pode considerar-se desprovida de significado”. Reconhece ainda Rocha Pereira, 2019b: 427 ser Homero, juntamente com Dante e Camões, as fontes mais influentes em M. Alegre.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

do seu poder. Somente o efeito do seu canto é invertido, de ameaça à prossecução da viagem para uma melodia estimulante, que une o poeta/viagem à musa inspiradora/pátria.

O canto passa a ser a marca do poeta, o depoimento em que o eu poético e Ulisses confluem, agora que Homero se remeteu ao silêncio; a eles cabe não celebrar, mas bradar contra os perigos e ameaças a Penélope. Nela, por seu lado, reside a firmeza e resistência, em contraste com os incidentes que afligem o naufrago. A teia é a sua arma e garantia de reencontro. E desta vez, o tecido contém uma mensagem, dirigida a um viajante que é também um povo: que, de olhos no passado, saiba assegurar o seu futuro. Porque é esse o sentido último de uma *Odisseia*, a partir da mais paradigmática de entre elas, a de Homero.

Onde estarás Penélope que já

Onde estarás Penélope que já
não sei se esperas já não sei se teces
um tapete e grinaldas? Oxalá
o amor não esqueças se de mim te esqueces.

Oxalá seja a tua voz que escuto
nesta voz que não sei se é de sereias
se é tua voz cantando-me nas veias
amor tornado ideia por que luto.

Porque todo o poema é como um barco
em que Ulisses por ti sou marinheiro.
Oxalá seja ainda o mais certo

quando Ulisses por ti empunhe o arco
Penélope que bordas de saudade
este amor que me prende. E é liberdade.

O Canto e As Armas 2017: 84

Existe neste soneto insistência em tópicos e estratégias estéticas que não apenas parecem repercutir as de Torga, como estabelecem entre os dois poemas dedicados a Penélope, em *O Canto e As Armas*, uma certa assonância. Na primeira estrofe detetamos ecos da composição que, dois anos antes, Torga tinha dedicado a Penélope. O que nela era o enunciado indireto da dúvida instalada no espírito do ausente – “Mas pergunto depois ao coração/por quanto tempo poderás ainda/tecer e destecer a tela da saudade...” – ganha em Alegre a acuidade de uma pergunta direta: “Onde estarás Penélope que já/não sei se esperas já não sei se teces/um tapete e grinaldas?” À dúvida, sobrepõe-se, em ambos os poetas, o desejo e a esperança, sugestivamente expressos por um efeito antinómico: em

Torga, “Vê se não desesperas/E me esperas/Até que eu volte”, repercutido, em Alegre, por um “... Oxalá/o amor não esqueças se de mim te esqueces”. Esta é, diríamos, a expressão da componente homérica subjacente aos dois poemas e, parece-me, razoavelmente paralela.

Mais flagrantes são, sem dúvida, os ecos que aproximam os dois poemas de Alegre entre si. A partir da repetição desse “Oxalá seja”, o poeta aspira a retomar, no seu trajeto, cada uma das mais marcantes aventuras de Ulisses: a do navegante, em primeiro lugar, “porque todo o poema é como um barco/em que Ulisses por ti sou marinheiro”; mas, para que a viagem culmine em sucesso (e regresso), “Oxalá seja ainda o mais certo/ quando Ulisses por ti empunhe o arco”, na evocação da prova do arco em que Ulisses participa em *Odisseia* 22 – já antes igualmente recordada, “que de novo o teu povo empunhe o arco” –, decisiva no reconhecimento e reintegração do ausente numa Ítaca enfim recuperada.

Também neste caso, a partir da segunda estrofe, se imprime na composição um sentido compatível com a leitura particular que o poeta de *O Canto e as Armas* faz do seu modelo. O canto do eu poético funde-se então com a voz de sedutora sereia com que a pátria o atrai. E não apenas a ideia é comum aos dois poemas, como as próprias palavras se aproximam: o que em “Como Ulisses te busco e desespero” se dizia “Mas como U-/lisses vou com meu canto como um barco/ouvindo o teu chamar - Pátria Sereia”, passa a dizer-se “Oxalá seja a tua voz que escuto/nesta voz que não sei se é de sereias/se é tua voz cantando-me nas veias/amor tornado ideia por que luto”.

O sentido essencial de “Onde estarás Penélope que já” afirma-se, no fecho do poema, com um expressivo oxímoro, “este amor que me prende. E é liberdade”. Nesse brado vai todo o amor do patriota, que suspira por uma pátria renovada, onde a todos os exilados se possa, enfim, garantir a inefável ventura de ser livre.

Penélope ou o Terceiro Poema do Português Errante

Todos os dias pergunto por Penélope
todos os dias procuro o seu tapete
às vezes chego cansado ao fim da tarde
com todos os regressos bloqueados
e no meio das filas de trânsito procuro
o caminho perdido para Ítaca.

E quando bato à porta molhado até aos ossos
encharcado de chuva de tédio e de desastres
eis que por vezes surges de entre os filhos e as rotinas
aquela a quem perguntei se queria vir

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

quando bordava um tapete e eu tinha um barco.
Então eu lembro a casa no exílio
a pequena gravura de Ítaca
o poema de Cavafy
lembro o primeiro filho as fraldas o receio
de lhe pegar no colo e dar-lhe banho.

Passaram tantas luas tantos mares
mas tu abres a porta e estás à espera
ajudas-me a despir o sobretudo
e de repente eu sei que estou de volta
como Ulisses à tão amada Ítaca.

Livro do Português Errante 2001: 41-2

Composto num tempo em que a instabilidade política da pátria pertencia ao passado, este outro poema de Manuel Alegre inspirado em Penélope retoma o mito de Ítaca como expressão de busca de identidade e de um sentido para a vida num vulgar quotidiano. Não se trata agora do poeta no exílio, mas tão somente do Homem, para quem a rotina do dia-a-dia é, mesmo assim, uma pequena, mas muito real e contínua odisseia. Os toques de modernidade são a marca de um outro tom e de uma nova abordagem.

O tempo continua um fator primordial na aventura de qualquer Ulisses. “Todos os dias”, uma anáfora repetida nos dois primeiros versos do poema, dilata o tempo para além do da errância do protagonista da *Odisseia*; a viagem não é apenas o trajeto vencido até chegar a Ítaca, é a aventura que se repetirá até ao fim da vida, essa sim a meta última do ser humano. Trajeto em que os obstáculos continuam a impor-se, para qualquer mortal do séc. XXI, encarnados pelos “regressos bloqueados” e situados “no meio das filas de trânsito”.

O reencontro com Penélope está agora muito para além daquele dia único em que, depois de muitos anos, o senhor de Ítaca de novo bateu à porta do seu palácio, oculto sob os trapos de um mendigo. Um “quando bato” promete repetição e rotina ao gesto de quem chega, mesmo assim portador dos destroços de longa e acidentada viagem, “molhado até aos ossos/encharcado de chuva de tédio e de desastres”. O célebre episódio que serve de modelo à aventura de cada dia é já passado, apenas a memória de “aquela a quem perguntei se queria vir/quando bordava um tapete e eu tinha um barco”. Mas funciona de ponto de partida, como se nada existisse a recordar para além dele. Que afinal teve, por sua vez, origem no fim dos tempos, aqueles de que “uma pequena gravura” guarda a memória e a expressão. Depois de Homero, o episódio foi percorrendo milénios,

conheceu etapas várias, como “o poema de Cavafy”.³⁰ Os incidentes repetiram-se, tempestades e perigos povoaram uma rota sempre acidentada. Até ao momento, marcante entre todos, em que a ordem se foi instalando em Ítaca, com a normalidade não isenta de temores que viver sempre comporta.

Penélope volta a ser a mão segura que recebe, com hospitalidade, o visitante. Apesar de todo o tempo decorrido, o mesmo gesto firme repete-se no abrir da porta e no despir do sobretudo, de quem chega fustigado por tormentas e invernos. E como se o tempo universal se suspendesse por milagre de Penélope, “de repente” os temores dão lugar às certezas, a insegurança à tranquilidade. O eu poético volta a ser Ulisses, já não “o que muito sofreu” ou “muito vagueou”, mas aquele que chegou a porto seguro, “como Ulisses à tão amada Ítaca”.

Conclusão

De entre as inúmeras possibilidades de recuperarmos da poesia portuguesa contemporânea ecos do mito de Penélope, preferimos dois poetas, Miguel Torga e Manuel Alegre, em primeiro lugar pelo que sentimos como alguma assonância entre ambos na sua interpretação e escrita do tema; mas ainda porque, da comparação quer entre os dois poetas, quer entre as sucessivas criações de Alegre, se pode retirar algum ensinamento sobre estratégias de reescrita.

Para ambos, os modelos incontestáveis serão Homero e Ovídio, com evidentes modulações. Em todas as composições que analisámos, o foco é colocado na relação, próxima em diferentes planos, de Penélope com Ulisses. A voz é sempre a do exilado, embora lhe seja dado o condão de presentificar uma Penélope que, mesmo se distante, é parte integrante e indispensável da construção do par. Outras componentes primordiais na tradição épica – os pretendentes (aqui muito indiretamente sugeridos pela menção da teia), a maternidade de Penélope ou a sua condição de senhora no mundo feminino do palácio – são simplesmente apagadas para que a moldura se estreite apenas a um motivo: o casal.

³⁰ Sobre o elemento homérico na poesia de Cavafi, *vide* Kamperi, 2013. Ao mito de Ítaca, Cavafi dedicou um poema intitulado “Ithaka”, em que louva a viagem de Ulisses não como uma sucessão de tormentos e provações, mas como uma experiência rica de novidades e ensinamentos; e se o regresso lhe está assegurado, o Ulisses, já velho, a ponto de rever a sua ilha, será um homem “enriquecido por aquilo que acumulou pelo caminho”.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

O tempo continua um tema central, responsável pelo distanciamento com todos os perigos que comporta, mas também pela ameaça de um esquecer, que o navegante teme, e que Penélope, como sempre, contraria com o seu incansável tecer. Entre um “eu” e um “tu”, cada poema vai tecendo, também ele, o retrato de duas almas. Como se um complexo encontro, que é, de certa forma, ‘reconhecimento’, se impusesse, tal como na *Odisseia*, como o incontornável desfecho da aventura, a da vida mais do que qualquer outra.

Bibliografia

AGUILAR, Ana Sofia Albuquerque. *A influência clássica na obra poética de Miguel Torga: o caso particular do Diário*. Tese de mestrado, Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, 2010.

ALEGRE, Manuel. *O Canto e As Armas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2017.

ALEGRE, Manuel. *Livro do Português Errante*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

ÁLVAREZ, Eloísa. Torga (Miguel). In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2005, p. 462-467.

BRANDÃO, Fiamma Hasse Pais. *Obra breve*. Lisboa: Teorema, 1991.

CARLIER, Pierre. À propos de Pénélope. *Ktema*. Paris: PUF, vol. 27, 2002, p. 283-91.

EMLYN-JONES, Chris. The Reunion of Penelope and Odysseus. *Greece & Rome*. Oxford: Clarendon Press, vol. 31, fasc. 1, 1984, p. 1-18.

FERREIRA, Cláudia Capela. Torga clássico: dos mitos ao Kleos poético. ‘Nada perdura, e quero que me leias, Eternidade!’ In: MORÃO, Paula, PIMENTEL, Maria Cristina (Orgs.). *Matrizes Clássicas da Literatura Portuguesa: uma (re)visão da Literatura Portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa: Documentos, 2014, p. 397-407.

FERREIRA, José Ribeiro. O tema de Ulisses em cinco poetas portugueses contemporâneos. *Máthesis*. Viseu: Universidade Católica, vol. 6, 1996, p. 437-62.

GILCHRIST, Katie. *Penelope: a study in the manipulation of myth*. PhD thesis, Classical Studies, University of Oxford, 1997.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

- GRAVES, Robert. *The Greek myths*. 1-2. Middlesex: Penguin, reimpr. 1977.
- GUIMARÃES, Fernando. *A analogia das folhas*. Porto: Limiar, 1990.
- GUIMARÃES, Fernando. *Poesias completas*. I. 1952-1988. Porto: Ed. Afrontamento, 1994.
- JACOBSON, Howard. *Ovid's Heroides*. Princeton: University Press, 1974.
- JÚDICE, Nuno. *Poesia reunida 1967-2000*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- JÚDICE, Nuno. *A matéria do poema*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- KAMPERI, Mikaela-Aliki. *The Homeric element in Cavafi's poetry: three examples*. Master Thesis, Modern Greek, Lunds Universitet, 2013.
- LOURENÇO, Frederico. *Homero. Odisseia*. Lisboa: Quetzal, 2018.
- MACEDO, Hélder. *Poemas novos e velhos*. Lisboa: Presença, 2011.
- MACTOUX, Marie-Madeleine. *Pénélope. Légende et mythe*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- MOURÃO FERREIRA, David. *Obra completa 1-2*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.
- MUELLER, Melissa. Penelope and the Poetics of Remembering. *Arethusa*. New York: John Hopkins University Press. vol. 40, fasc. 3, 2007, p. 337-62.
- OLIVEIRA, Francisco (ed.). *Penélope e Ulisses*. Coimbra: APEC, IEC, CECH, 2003.
- PHILIPPOU, Eleni. Perennial Penelope and lingering Lotus-Eaters: revaluing mythological figures in the poetry of the Greek financial crisis. *Dibur Literary Journal*. Stanford: Arcade, 2018, vol. 5, p. 71-86.
- QUEIRÓS, Eça. *Contos*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- RAMOS, Manuel. *Miguel Torga: manipulação do mito*. Porto: edição de Autor, 2013.
- ROCHA, Clara. Alegre (Manuel). In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa, Verbo, 1995, p. 122.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena. A teia de Penélope. In: OLIVEIRA, Francisco (org.). *Penélope e Ulisses*. Coimbra: APEC, IEC, CECH, 2003, p. 11-24.
- Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Mitos Gregos em Miguel Torga. In: *Recepção das Fontes Clássicas em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, IUC, 2019^a, p. 345-52 (*Aqui, neste lugar e nesta hora: actas do primeiro congresso internacional sobre Miguel Torga*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1994, p. 403-12).

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Os mitos clássicos em Miguel Torga. In: *Recepção das Fontes Clássicas em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, IUC, 2019b, p. 353-64 (*Revista Colóquio/Letras*, vol. 43, 1978, p. 20-32).

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Ao encontro da obra de Manuel Alegre. In: *Recepção das Fontes Clássicas em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, IUC, 2019b, p. 425-37 (1996, conferência feita em Lisboa, no Grémio Literário, e publicada em *Portugal e a herança clássica e outros textos*. Porto: Asa, 2003, p. 224-36).

ROISMAN, Hanna M. (1987), "Penelope's Indignation", *Transactions of the American Philological Association*. New York: Johns Hopkins University Press, 1987, vol. 117, p. 59-68.

RUTHERFORD, Richard. *Homer. Odyssey. Books XIX and XX*. Cambridge: University Press, 1992.

SEABRA, José Augusto. *Gramática grega*. Porto: Nova Renascença, 1985.

SANTOS, Elsa Rita. Exílio e liberdade na poesia de Manuel Alegre. *Revista de História das Ideias*. Coimbra: FLUC, vol. 38, 2020, p. 79-94.

SILVA, João Céu e. *Uma longa viagem com Manuel Alegre*. Lisboa: Porto Editora, 2010.

SILVA, Maria de Fátima. Perfection - the immortals' default. Eça de Queiroz and Calypso's Island. In: SILVA, Maria de Fátima, BOUVIER, David, AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes (eds.), *A special model of Classical Reception. Summaries and Short Narratives*. Cambridge: Scholars Publishing, 2019, p. 73-90.

SOUSA, Carlos Mendes. *Sophia de Mello Breyner Andresen. Obra poética*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

TORGA, Miguel. *Diário I-XVI*. Coimbra: Almedina, 1941-1993.

TORGA, Miguel. *Diário VI*. Coimbra: ed. do autor, ³1978; *Diário VIII*. Coimbra: ed. do autor, ³1976; *Diário XI*. Coimbra: ed. do autor, 1973.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 42-61.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14811

TORGA, Miguel. *Poesia Completa.II*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

TURKELTAUB, Daniel. Penelope's 'stout hand' and Odyssean humour. *The Journal of Hellenic Studies*. Cambridge: University Press, vol. 134, 2014, p. 103-19.

VENTURA, José Manuel. Penélope e a teia de Miguel Torga. *Boletim de Estudos Clássicos*. Coimbra: IEC, vol. 32, 1999, p. 143-53.